

COMBUSTÕES

10 NOVEMBRO 2008

Pol Pot, aliado dos americanos

Foi um fim de dia a todos os títulos interessante e proveitoso. Comia a minha refeição da noite num pequeno restaurante do bairro. Ao meu lado, um homem dos seus sessenta e muitos anos, barba grisalha, volumoso e tisonado pelo sol, bebia a segunda garrafa de litro de Shingha. Estava só e meditabundo. Precisava falar com alguém, pelo que me perguntou de onde era e o que fazia neste país. Assim começou uma conversa de quase três horas. É um antigo funcionário da CIA, grande conhecedor da vida política do Sudeste-Asiático, da sua história, culturas e línguas. Trabalhou no Laos, Vietname do Sul e Camboja antes de 1975, fez a guerra, planeou operações, redigiu milhares de páginas de relatórios para Washington, assistiu a interrogatórios, recolheu informações; em suma, um testemunho vivo da longa guerra que os EUA aqui travaram.

Tenho lido tudo o que me chega às mãos sobre Pol Pot e o seu regime genocida, sobre a rivalidade regional entre a Tailândia e o Vietname pelo controle dos "Estados tampão" do Laos e Camboja, mas nunca tinha sido confrontado com tão torrente e vivida informação de um homem que fizera a guerra. Disse-me, como quem conta uma confidência, que os EUA jogaram a cartada da destruição do Camboja e Laos, atirando-os para o comunismo, quando viram que o desfecho não poderia ter sido outro que aquele por nós conhecido. Os americanos, sempre que os seus bombardeiros não podiam cumprir missões de arrasamento no Vietname do Norte, despejavam carpetes de bombas sobre o Laos, uma monarquia neutral. Essa política sistemática levou à destruição da economia laociana, à fuga precipitada das populações e adesão ao Pathet Lao, o Partido Comunista do Laos, controlado pelo Vietname do Norte. Depois, aplicaram a mesma receita sobre o Camboja, matando 200.000 pessoas, descredibilizando o governo pró-ocidental de Lon Nol e reforçando os Khmeres Vermelhos de Pol Pot, pró-chineses.

Quando Pol Pot assumiu o poder, mandou evacuar as cidades e aplicar a política de terra queimada a tudo o que lembrasse a contaminação ocidental: cerca de 2 milhões de "inimigos" foram selvaticamente mortos a tiro, com

barras de ferro, asfixiados com sacos plásticos ou simplesmente deixados sem comida. O terror durou três anos (1975-79), até que os vietnamitas invadiram o Camboja e impuseram um governo pró-vietnamita (isto é, pró-soviético) em Phnom Pehn. Como os EUA se encontravam em esforçada campanha de aproximação a Pequim, não permitiram que o governo de Pol Pot fosse alvo de sanções internacionais até 1979 e no dia seguinte à sua queda passaram a municiar os remanescentes dos Khmeres Vermelhos a partir dos santuários ao longo da fronteira thai-cambojana. Pol Pot não recebeu apenas armamento (americano, francês, alemão e britânico) via Singapura; foi-lhe prestada assessoria militar, informação capturada por satélites, apoio logístico (alimentos e medicamentos), cursos de especialização em minagem e destruição de infraestruturas, emissão de passaportes falsos para os dignitários dos Khmeres Vermelhos e, espante-se, campanhas de imprensa favoráveis a Pol Pot pagas através de fundos da Casa Branca. Os EUA, com a China, a França e Grã-Bretanha mantiveram o lugar de Pol Pot na Assembleia Geral das Nações Unidas até 1991 (doze anos após a conquista da capital cambojana pelos vietnamitas) e proibiram qualquer alusão ao genocídio cometido por Pol Pot. Esta política obscena custou mais 500.000 mortos e mutilados ao povo cambojano e arrastou-se por anos até que o Vietname, já sem o apoio da URSS, entretanto desaparecida, se rendesse à pressão americana. Hoje, 30% das empresas vietnamitas são propriedade de norte-americanos.

Disse-me o meu companheiro de fim de tarde que os EUA se preparavam para fazer o mesmo com a Tailândia, caso o regime monárquico não conseguisse deter a expansão comunista na região; isto é, preparavam-se para destruir tudo o que pudesse servir a um futuro regime anti-ocidental. Era a célebre teoria do dominó de Kissinger, que também investia na teoria da "vacina pelo choque": demonstrar ao mundo que os comunistas, chegados ao poder, cometiam barbaridades inomináveis, pelo que os povos por eles não dominados deviam aprofundar o alinhamento com os EUA. Os EUA quiseram, também, que a teoria surtisse efeito no Irão, mas as contas saíram-lhes trocadas e o PC do Irão não conseguiu derrotar os khomeinistas. Com Khomeini no poder, em guerra com o Iraque pró-socialista, passaram a vender armas ao Irão para, com tais receitas pagarem aos Contras da Nicarágua. Tudo isto lembrou-me Portugal, antes e após o 25 de Abril. Resumindo: não podemos confiar. Desconfiar sempre ! Tenho quase a certeza que Bin Laden, que já entrou nesta sarabanda há trinta anos, continua em reserva para uma qualquer negociação para o futuro do Afeganistão, quando os americanos abandonarem à sua triste sorte o governo de Cabul.

No que à Tailândia diz respeito, tal experimentalismo poderá estar em curso, só que com cambiantes que o tempo aconselha. Já não se trata de apoiar o comunismo - que desapareceu - mas os dóceis seguidores da cartilha do market, das business opportunities e dos global investments em nome do aprofundamento da democracia; leia-se, em nome da manipulação emocional que leve à destruição da monarquia neste país. Já repararam que o proscrito Thaksin, com mandado de captura, tem residência no Reino Unido, tem

visitado com frequência Singapura (cidade-Estado do business) e Hong Kong (China) e possui contas astronómicas em bancos cambojanos ? Eles querem um mundo terraplanado, entregue ao gangsterismo dos negócios, sem vestígio de passado, continuidade e tradição. O Pentágono e a Secretaria de Estado estão cheios de atrasados mentais, por sinal tão iletrados como perigosos, para os quais a guerra do Vietname ainda não acabou. Com Obama e a nova cruzada pela democracia, espera-se o pior.

PUBLICADA POR COMBUSTÕES EM 10.11.08

<http://combustoes.blogspot.com/2008/11/pol-pot-aliado-dos-americanos.html>